



Jornais

Diário de Pernambuco, Recife A Capoeira do passado que a Bahia mantém como tradição 3 de março 1968

Velhos mestres

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife, 3 de março de 1968

F-1749

A CAPOEIRA DO PASSADO QUE A BAHIA MANTÉM COMO TRADIÇÃO - MESTRE PASTINHA, CEGO E NA MISÉRIA, ABANDONARÁ A CAPOEIRA JÁ DESILUDIDO.

SAMIR ABOU HANA

Na definição do preto velho, Capoeira não é privilégio de ninguém. Quem quiser estudar poderá praticá-la com maestria. Por ela "o homem defende-se e defende até a pátria. Contudo, não deve usá-la contra ninguém, a menos para defender-se. Incisive porque Capoeira não quer dizer pé na cara do adversário. É, antes, uma arte, como outra qualquer".

CAPOEIRA — COMO É E DE ONDE VEIO...

O jogo é velho. Desde os primórdios da civilização. Veio para o Brasil trazido pelos escravos de Angola que já vinham senhores de sua adreza, força física, agilidade, postas em prática nas revoltas, conflitos e incidentes contra os agentes feudais. Homens que lutavam esmagando o adversário, em segundos, instando em um ou dois saltos, numa reviravolta inesperada, encheram de pânico e terror as ruas do Recife, Salvador e do Rio de Janeiro.

O mestre tem sempre um birimbau pronto para comandar as lutas. É instrumento indispensável. Com o auxílio do pandeiro, do reco-reco e do caxixid, é formada a orquestra. Iniciado o canto, os jogadores, em número de dois, de côcoras, começam a batalha.

Golpes e contra-golpes. A agilidade é fator primordial. Quase que não se tocam. Tudo acontece com saltos, arrastadas de pernas, fances de nega-corpo e vai-mas-não-vai.

Arusaadé
é, é
Arusaadé
Camarade

Golpes e contra-golpes, rasteiras tudo vai desfilando aos olhos surpresos do turista. No dizer de Odorico Tavares, "é um milagre em que a violência de um ataque resulte em outro ataque, em que ninguém se toca, ninguém se fere, ninguém se agride".

No mundo da capoeira, pode ser menino, rapas ou velho não há possibilidade de derrota pelo cansaço físico. Os saltos de banda, o nega-corpo, as fugas fingindo evitar o adversário para, em seguida, cair-lhe em cima, vai acontecendo ao som das cantigas melosas acompanhadas principalmente do birimbau. E o capoeirista sá mas não cansa!

Os capoeiristas do passado encheram de aventuras gosadíssimas algumas páginas de memórias famosos. Gilberto Amado, por exemplo, fala do famigerado Nascimento Grande, que viveu no Recife nas primeiras três décadas do século.

Cantarolando o "apenha laranja no chão tico-tico", Coelho Neto gostava de, às escondidas, praticar a capoeira. Raimundo Magalhães Júnior fala do assunto em seu livro "Deodoro, a espada contra o Império". Já Coelho Neto cita o Barão do Rio Branco como capoeirista nos seus tempos de estudante.

A história da capoeira ainda terá de ser contada com minúcias. No passado, envolveu muita gente jovem que depois entrou para nossa história. Era simpática e praticada pelos rapazes mais finos da época. Pena que aqui em Pernambuco tivesse, ela sumido após a perseguição policial. Na Bahia, no entanto, permaneceu como tradição, embora muitos aprendam a arte como se aprende, por aqui, o tal do jujitsu e do Karatê.



Mestre Pastinha tocando Birimbau, instrumento indispensável ao pequeno conjunto musical que acompanha os lutadores de capoeira durante o jogo

SAMIR ABOU HANA

Quem habita Salvador tem uma infinidade de as a do índio as atrações da boa terra. Um de-
— talvez o melhor — o de Odório Tavares,
uma Imagens da Terra e do Povo", no capítulo
ira a capoeira, diz o seguinte:

"Se o visitante quer assistir ao jogo de capoeira
hoje, mais de um barracão onde pode ir ao de
venal, no Chame-Chame, o da Pastinha, no Pelou-
rinho..."

E quem quiser chegar na casa de mestre Pasti-
na, oriente-se pelo livro de Odório:

"Vindo do Terreiro, ou da Baixa dos Sapateiros,
do Taboão, o deslumbramento é o mesmo: está
visitante, face a face, com o mais belo conjunto
quintanônico brasileiro. Eis a massa imensa e har-
moniosa de edifícios dos séculos 18 e 19, marcada
las torres das igrejas. E' o Pelourinho, como um
po onde confluem as águas das mais variadas fon-
tes da humanidade baiana".

A Academia de Capoeira Angola é do mestre
Pastinha. Com seus 71 anos de idade, luta capoeira
desde garoto, aos 10 anos. Aprendeu a arte a fim de
fugir-se de um menino da mesma idade, com
quem brigava diariamente, e perdia. Um dia, na rua
das Laranjeiras, Tomico lhe aplicou verdadeira surra.
E quando o velho capoeirista baiano, Benedito,
sancou Pastinha e lhe deu os primeiros ensinamen-
tos. Desde então Pastinha não perdeu mais para nin-
guém, tornando-se o mais famoso malandro da
cidade. Brigava com todos. Criou fama e tornou-se
na legenda.

Nesse espaço de tempo, ao aprender capoeira e
tornar-se dono da Academia Angola, Pastinha foi in-
corporado na Marinha onde ensinou a lutar e apre-
endeu a jogar esgrima. Ao sair, voltou a fazer "azar"
nas ruas, sendo perseguido pela polícia. Lutou, ga-
nhou, perdeu, quis abandonar a malandragem até
que um dia, um antigo aluno seu, o Aberé, frequen-
ta uma roda de capoeira, em Liberdade, e os mes-
tres perguntaram quem fora seu mestre. Ele confes-
sou. Pediram-lhe, então, para levá-lo à Liberdade.
Diante das demonstrações a que assistiram, entrega-
ram a Pastinha o comando da capoeira, o que foi
o certo.

Ateca Amadeu Amaral
FUNARTE / INF

Reintegrado na malandragem, como ele mesmo
diz, fundou a Academia Angola, que ainda hoje fun-
ciona num segundo andar de um sobrado no Pelou-
rinho.

OUTRA HISTÓRIA:
A VIA-CRUCIS

O repórter Guido Guerra, do "Diário de Notícias",
da Bahia, informa que Pastinha está cego. Já não
pode mais lutar. Está desiludido, cansado, e
moribundo. Quer até fechar a Academia.

Em um dia qualquer de fevereiro, madrugada
de um sábado, nubram-se-lhe os olhos, uma tonta-
ra, um desmaio, perdura o sentido das coisas. En-
tão, sem roubar-lhe a vida, naquela madrugada ba-
na um derrame cerebral conseguiu dominar o negro
velho. Desde aquele dia ele deixou de ver a luz do
dia, não podendo mais lutar.

Há poucos dias antes venciara o 1.º Festival
Baiano de Capoeira, promovido pela DEFEBA, uma
espécie de EMPETUR, aqui, em Pernambuco.

— Foi o Festival que me cegou — assevera —
por isso devo ser amparado, porque muito trabalhei.
Dediquei minha vida à capoeira, à Bahia. Por acaso,
nada mereço, na velhice, em retribuição aos serviços
prestados?

Pastinha está na miséria. Uma das maiores tra-
dições baianas, ameaça fechar sua Academia, por
de atração turística da boa terra.

"Não marco dia nem hora — diz o preto velho
— mas pode anotar, vou deixar a capoeira por sen-
tir-me fatigado e injustiçado, vítima da incompreen-
são do mundo".

Depois, com um ar de riso, vaidoso:

"Tirei a capoeira da lama. Valorizei-a e civilizei-a.
Com ela gastei minhas economias. Hoje, não obstan-
te, os poderes públicos relegam a plano secundário
os meus serviços reconhecidos em todo o Brasil, ex-
ceto na Bahia. A Bahia que me deu? Nada vêres na
da. E' justo isso?"

DECADÊNCIA DA ACADEMIA
E APOGEO DA CAPOEIRA

A Academia de Pastinha está em decadência.
Seus alunos o ajudam, mas o auxilio não chega para
nada. A capoeira, entretanto, na Bahia, está no apo-
geu. O governador Luís Viana Filho recentemente
visitou o famoso capoeirista e prometeu uma sub-
venção mensal ainda este ano.

Sami Abou Hana

Quem chega a Salvador tem uma infinidade de guias a lhe indicar as atrações da boa terra. Um deles, - talvez o melhor - o de Odorico Tavares, „Bahia Imagens da Terra e do Povo“, no capítulo sobre a capoeira, diz o seguinte:

„Se o visitante quer assistir ao jôgo de capoeira, há, hoje, mais de um barracão onde pode ir. O de Juvenal, no Chame-Chame, o de Pastinha, no Pelourinho...”

E quem quiser chegar na casa de mestre Pastinha, oriente-se pelo livro de Odorico:

„Vindo do Terreiro, ou da Baixa dos Sapateiros, ou do Taboão, o deslumbramento é o mesmo: está o visitante, face a face, com o mais belo conjunto arquitetônico brasileiro. Eis a massa imensa e harmoniosa de edifícios do séculos 18 e 19, marcada pelas tôrres das igrejas. É o Pelourinho, como um lago onde confluem as águas das mais variadas fontes de humanidade baiana”.

A Academia de Capoeira Angola é do mestre Pastinha. Com seus 71 anos de idade, luta capoeira desde garoto, aos 10 anos. Aprendeu a arte a fim de defender-se de um menino da mesma idade, com quem brigava diariamente, e perdia. Um dia, na rua das Laranjeiras, Tonico [M Pastinha sempre fala que era Honorato - velhosmestres.com] lhe aplicou verdadeira surra. Foi quando o velho capoeirista baiano, Benedito, chamou Pastinha e lhe deu os primeiros ensinamentos. Desde então Pastinha não perdeu mais para ninguém, tornando-se o mais famoso malandro da Bahia. Brigava com todos. Criou fama e tornou-se uma lenda.

Nêsse espaço de tempo, ao aprender capoeira e tornar-se dono da Academia Angola, Pastinha foi incorporado na Marinha onde ensinou a lutar e aprendeu a jogar esgrimas. Ao sair, voltou a fazer „azar“ nas ruas, sendo perseguido pela polícia. Lutou, ganhou, perdeu, quis abandonar a malandragem até que um dia, um antigo aluno seu, o Aberé, frequentava uma roda de capoeira, em Liberdade, e os mestres perguntaram quem fôra seu mestre. Êle confessou. Pediram-lhe, então, para levá-lo à Liberdade. Diante das demonstrações a que assistiram, entregaram a Pastinha o comando da capoeira, o que foi aceito.

Reintegrado na malandragem, como êle mesmo diz, fundou a Academia Angola, que ainda hoje funciona num segundo andar de um sobrado no Pelourinho.

OUTRA HISTÓRIA: A VIA-CRUCIS

O repórter Guido Guerra, do „Diário de Notícias“, da Bahia, informa que Pastinha está cego. Já não pode mais lutar. Está desiludido. [..]. Pobre. Moribundo. Quer até fechar a Academia.

Foi um dia qualquer de fevereiro, madrugada ainda. Súbito nublaram-se-lhe os olhos, uma tontura, um desmaio, perdera o sentido das

coisas. Embora sem roubar-lhe a vida, naquela madrugada baiana um derrame cerebral conseguiu dominar o negro velho. Desde aquele dia ele deixou de ver a luz do dia, não podendo mais lutar.

Há poucos dias antes vencera o 1.º Festival Baiano de Capoeira, promovido pela DEFEBa, uma espécie de EMPETUR, aqui em Pernambuco.

- Foi o Festival que me cegou – assevera – por isso devo ser amparado, porque muito trabalhei. Dediquei minha vida à capoeira, à Bahia. Por acaso nada mereço, na velhice, em retribuição aos serviços prestados?

Pastinha está na miséria. Uma das maiores tradições baianas, ameaça fechar sua Academia, ponto de atração turística da boa terra. „Não marco dia nem hora – diz o prêto velho – mas pode anotar, vou deixar a capoeira por sentir-me fatigado e injustiçado, vítima da incompreensão do mundo“.

Depois, com um ar de riso, vaidoso:

„Tirei a capoeira da lama. Valorizei-a e civilizei-a. Com ela gastei minhas economias. Hoje, não obstante, os poderes públicos relegam a plano secundário os meus serviços reconhecidos em todo o Brasil, exceto na Bahia. A Bahia que me deu? Nada vêzes nada. É justo isso?“

DECADÊNCIA DA ACADEMIA E APOGEU DA CAPOEIRA

A Academia de Pastinha está em decadência. Seus alunos o ajudam, mas o auxílio não chega para nada. A capoeira, entretando, na Bahia, está no apogeu. O governador Luís Viana Filho recentemente visitou o famoso capoeirista e prometeu uma subvenção mensal ainda este ano.

Na definição do prêto velho, Capoeira não é privilégio de ninguém. Quem quiser estudar poderá praticá-la com maestria. Por ela „o homem defende-se e defende até a pátria. Contudo, não deve usá-la contra ninguém, a menos para defender-se. Inclusive porque Capoeira não quer dizer pé na cara do adversário. É, antes, uma arte, como outro qualquer“.

CAPOEIRA – COMO É E DE ONDE VEIO...

O jôgo é velho. Desde os primórdios da civilização. Veio para o Brasil trazido pelos escravos de Angola que já vinham senhores de sua destreza, fôrça física, agilidade, postas em prática nas revoltas, conflitos e incidentes contra os agentes feudais. Homens que lutavam esmagando o adversário, em segundos, matando em um ou dois saltos, numa reviravolta inesperada, encheram de pânico e terror as ruas do Recife, Salvador e do Rio de Janeiro.

O mestre tem sempre um birimbau pronto para comandar as lutas. É instrumento indispensável. Com o auxílio do pandeiro, do reco-reco e do caxixi, é formada a orquestra. Iniciado o canto, os jogadores, em número de dois, de cócoras, começam a batalha. Golpes e contra-golpes. A agilidade é fator primordial. Quase que não se tocam. Tudo acontece com saltos, arrastadas de pernas, lances de nega-corpo e vai-mas-não-vai.

Aruandê

ê,

ê

Aruandê

Camarado

Golpes, negaças, rasteiras tudo vai desfilando aos olhos surpresas do turista. No dizer de Odorico Tavares, „é um milagre em que a violência de um ataque resulte em outro ataque, em que ninguém se toca, ninguém se fere, ninguém se agride“.

Os capoeiristas do passado encheram de aventuras gozadíssimas algumas páginas de memorialistas famosas. Gilberto Amado, por exemplo, fala do famigeiro Nascimento Grande, que viveu no Recife nas primeiras três décadas do século.

Cantarolando o „apanha laranja no chão tico-tico“, Coelho Neto gostava de, às escondidas, praticar a capoeira. Raimundo Magalhães Júnior fala do assunto em seu livro „Deodoro, a espada contra o Império“. Já Coêlho Neto cita o Barão do Rio Branco como capoeirista nos seus tempos de estudante.

A história da capoeira ainda terá de ser contada com minúcias. No passado, envolveu muita gente jovem que depois entrou para nossa história. Era simpatizada e praticada pelos rapazes mais finos da época. Pena que aqui em Pernambuco tivesse ela sumido após a perseguição policial. Na Bahia, no entanto, permaneceu como tradição, embora muitos aprendem a arte como se aprende, por aqui, o tal do jiu-jitsu e do Karatê.